

A queda do céu nas artes e na literatura

Apresentação

1

Acontecidos vários apocalipses, e inclusive transformados com voracidade esses apocalipses em mercadoria pela indústria do entretenimento, alguns filósofos têm pensado variáveis de *ontologias espectrais*, e certos historiadores e críticos têm contado as histórias da arte/da literatura como as histórias de construções que adquirem seu estilo barroco à medida que acumulam ruína sobre ruína. No campo das chamadas Ciências Humanas, vozes silenciadas se perguntam – como o fazem Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro – se ainda *há um mundo por vir*, se após a captura/exclusão de involuntários em máquinas devastadoras (como a pátria, para lembrar mais uma vez um título de Viveiros de Castro), se após a constatação da continuidade entre o *real* e o *virtual*, cabe ainda falar em mundo, em história, e em arte.

Assim, perguntamos: é a arte apenas a constatação de presenças, tal o culto e a estetização de personalidades que operam pela dissociação entre governo e pessoa, ou ela – a arte – se nutre de perspectivas espectrais à procura das marcas dos viventes que tocaram ou foram tocados pela ficção? É a literatura uma esfera autônoma que aponta relações através de formas, assim indicando caminhos de superação, ou é sintoma, vestígio e caixa de

ressonância dos mortos-vivos? Como as artes e literaturas do presente têm lidado com essas questões?

É a partir dessas perguntas que *Landa* abriu sua chamada para trabalhos que debatessem a queda ou as quedas do céu nas artes e na literatura, isto é, tanto o tempo das catástrofes e de suas refuncionalizações estético-políticas, quanto o que desse tempo pode *ex* e *resistir*, as mortes e as vidas póstumas delas decorrentes.

Essa chamada teve um considerável retorno, com contribuições de pesquisadores de diversas instituições nacionais e internacionais. Artur de Vargas Giorgi, em “Demorar: notas sobre a emergência”, destaca seu objeto como um evento contingente de interrupção em vários cenários e de diversas perspectivas: a emergência como lampejo, como experiência narrativa e estética que exige uma demora, como eventual suspensão do *logos*, como imagem dialética, em tanto constitutiva do corpo e como índice de nomeação ou não nomeação. Para Giorgi, como (acreditamos) para Ailton Krenak, *a queda do céu* faz emergir a eminência do fim com que nascemos, isto é, o fato de que perdemos o mundo ainda antes da origem, e isso robustece a nossa chance de ter mais uma chance.

2

Em “Ficções do caminhar”, por sua vez, Artur Dória perscruta o apocalipse como espetáculo, ou seja, como figura do poder em cuja vertigem ficamos imobilizados, e contrasta essa figura com certa ficção performática que, longe de imobilizar, se torna uma máquina geradora de pequenas ficções. “Formas de la aparición...”, de Agustina Wetzel, nos apresenta, de uma perspectiva alicerçada nos estudos culturais e de gênero, as formas espectrais/animais que assumem vidas travestis e trans no romance *Las Malas* (2019) da escritora argentina Camila Sosa Villada. “Um fim impossível...”, de Ellen Maria Martins de Vasconcellos aborda o romance *Sumar* (2018) da chilena Diamela Eltit, para analisar ações de trabalhadores de rua que, perante a ruína, constroem o coletivo como uma possibilidade de futuro, uma abertura de saberes, espaços e tempos para além da catástrofe. Fernanda Ribeiro Amaro, em “A viagem do outro: Antropologia reversa em *A Queda do Céu*”, estuda os relatos de viagem com que Davi Yanomami Kopenawa, em diálogo com Bruce Albert, pratica uma espécie de antropologia reversa, e desse modo elabora uma narrativa

crítica à literatura antropológica clássica e a outras disciplinas predatórias. Katherine Funke, em “O recado de Emily Dickinson”, lê o conto *EDickinson RepliLuxe* (2010), de Joyce Carol Oates, à procura de um céu que cai nas trevas do contemporâneo, abrindo desse modo a possibilidade de formas de vida outras, que não se resignam a simplesmente acabar. “‘Mitofísica’ e cosmopolítica”, de Luiz Guilherme Fonseca, constata catástrofes de várias ordens na novela *A morte e o meteoro* (2019), de Joca Reiners Terron, propondo uma leitura antropocênica para o escritor cuiabano. Por fim, Natalí Antonella Incaminato analisa, em “Sujeto y devenir”, os romances contemporâneos *A céu aberto* (1996) de João Gilberto Noll e *Manigua* (2009) de Carlos Ríos, a partir de formulações de Deleuze e Guattari, para observar neles processos de subjetivação e corporalidade e os modos em que se tornam língua.

Silvana Santucci, organizadora do dossiê “Lenguajes en América Latina. Crisis. Crítica y Ficciones de la Teoría”, apresenta neste número uma seleção dos textos elaborados por vários pesquisadores com motivo do Colóquio Internacional homônimo, acontecido no mês de outubro de 2019 na Universidad Autónoma de Entre Ríos, na Argentina. Abrindo o dossiê, Mónica Bernabé perscruta a noção de “restituição” no campo cultural argentino, singularmente na relação dessa noção com o valor que a etnografia adquire nas discussões artísticas contemporâneas, com destaque para *Damiana Kryygi* (2015) de Alejandro Fernández Mouján e *Inakayal Vuelve* (2018) de Sebastián Hacher. Em “Totalización y objetividad”, Leonel Cherri reflete sobre o retorno do real na literatura latino-americana, e em relação com a reflexão elaborada por Mario Bellatin em *El gran vidrio* (2007). Ignacio Iriarte, por sua vez, propõe uma leitura do ensaísmo de César Aira em alto contraste com a crítica acadêmica e a partir das reflexões sobre o particular de Lezama Lima, Sandra Contreras e Alberto Giordano. “Unos dedos ensayándose más allá del asir...”, artigo de Franca Maccioni, propõe uma leitura do livro *El Gualeguay* de Juan L. Ortiz atendendo ao modo como esse poemário retoma gestos de escrituras fundantes do século XIX argentino, e em relação aos imaginários fluviais, para propor relações alternativas, e discordantes com a imaginação técnico-mercantil, com o território e com as formas de vida. Guadalupe Maradei explora noções do

pós-estruturalismo francês na produção teórica e crítica de Suely Rolnik e Nelly Richard; e Gabriela Milone escuta um *materialismo fônico* em que a voz se pensa como matéria da língua e a língua da poesia como ficção insubmissa da voz em diversas cenas, ressonâncias e vibrações contemporâneas. “A la luz de la crisis...” de Ana Neuburger, revisa os imaginários de crise da década de 1990 na Argentina, singularmente em sua relação com *La Villa* (2001) de César Aira, e Emiliano Rodríguez Montiel analisa as decisões performáticas, temáticas e de filiação com que Alan Pauls inaugura seu ciclo criativo como uma política do tempo e da temporalidade. Silvana Santucci, em “Barroco nuestro de cada día...”, a partir da fortuna do conceito em certos cenários da teoria estética, da institucionalidade e do ensino, elabora o barroco como ficção teórica, isto é, como epistemologia latino-americana em seus efeitos sobre o campo cultural argentino. Encerrando o dossiê, “Experiencia migrante en la Literatura Americana finisecular (S. XX y S. XXI)”, artigo de Julieta Marina Vanney, lê as fraturas da experiência produzidas pela globalização e os fenômenos migratórios a ela associados, e as relaciona com problemas estéticos concretos nas escrituras de Junot Díaz, Lina Meruane e Valeria Luiselli.

Nossa seção “Olhares”, integrada por textos de autores convidados pela equipe editorial de *Landa*, apresenta neste número a retradução de um ensaio já clássico de César Aira, intitulado “Raymond Roussel, a chave unificada”, em que se pensa o famoso “procedimento” do célebre e excêntrico autor de *Locus Solus* (1914). Já, em “Onde é que fica a minha ilha...”, o pesquisador e tradutor Antonio Carlos Santos, apresenta de maneira pioneira o ensaio *Rassenbildung und Rassenpolitik in Brasilien*, livro sintomático a respeito da formação e da política racial da elite brasileira, com que o médico e poeta Jorge de Lima postulava em 1924 o lugar do país num futuro embranquecido. Em “Viñas, Aira o los polos del realismo”, por sua vez, Nancy Fernández mostra como David Viñas em suas narrativas recorta a realidade factual a fim de pensá-la e discuti-la ficcionalmente, enquanto César Aira, em suas novelas, pisa no acelerador do realismo para arremessá-lo sempre e mais uma vez aquém e além dele.

Nosso suplemento artístico “Vária invenção”, criado como uma forma de sentir intensamente o presente, desta vez se intitula “Martín Viteri: descoroar a linguagem [anotações sobre prataria contemporânea]”. O suplemento, laboriosamente preparado e apresentado por Gastón Cosentino e Juliana Monroy, inclui uma entrevista e uma breve reflexão sobre prataria contemporânea e apresenta, a partir da lógica dos *cut-ups* teorizados por William Burroughs, algumas peças e projetos do artista argentino Martín Viteri, com destaque para “*El lenguaje es un virus*”, uma obra de prataria argentina em tempos de coronavírus: um ex-voto, um artefato, um emblema e uma aplicação material da benjaminiana doutrina das semelhanças que nos lembra que se o céu caiu, e que se a espada está de fato cravada no coração, ainda descoroaremos a morte se tivermos a coragem de nos desdizer.

De nossa parte, insistimos no exercício da reflexão e da pesquisa sobre a arte, a cultura e a literatura como um modo de, justamente, nos desdizer coletivamente. Em tempos de bruta escuridão que ao menos nos ilumine o saber com todos os seus fogos. Não é por queimar os arquivos que a memória deixará de se exercer, pois ela é um trabalho prioritário. Agradecemos a todas as colaboradoras e colaboradores por seus textos, por suas generosas contribuições a esta publicação. *Landa* tem a alegria de receber esse conjunto de escrituras que são exercícios de memória, do saber e do sentir.

Afinal, “adiar o fim do mundo é sempre poder contar mais uma história”.

A equipe editorial